

# A MIRAGEM GLOBAL E A REARTICULAÇÃO IMPERIALISTA

JOÃO QUARTIM DE MORAES\*

Ao lado de privatização, terceirização, dolarização, desnacionalização, desestatização etc., *globalização* hoje constitui idéia-força no sistema das idéias dominantes, que normalmente, sobretudo em períodos de refluxo das esperanças revolucionárias como o atual, são as idéias das classes dominantes.

A força de uma idéia não é função de seu valor cognitivo. É notória a desproporção entre o impacto exercido pela idéia da superioridade racial dos brancos na Europa hitleriana, nos estados norte-americanos controlados pela Ku-Klux-Klan etc. e a fragilidade dos dados pseudocientíficos em que pretende fundamentar-se. Globalização, até por não remeter a doutrinas intrinsecamente odiosas como as racistas, apresenta mais séria pretensão de exprimir processos objetivos. Corresponderia, segundo seus defensores, às "mutações globais" (a repetição do *definiendum* na definição não é nossa, é deles) configuradoras de uma "nova ordem" ou mesmo, conforme os mais deslumbrados, de uma "comunidade global". Com estes últimos não vale a pena perder tempo. Quando não são apenas tolos, pertencem ao pelotão de choque da reação neoliberal, dedicando-se, com zelo em geral bem-remunerado, a martelar as idéias descartáveis injetadas no "mercado" político pelos grandes meios privados de comunicação social.

Os mais sérios enfatizam a ampliação da esfera de valorização do capital financeiro, crescentemente autônomo em relação aos controles estatais, em medida bem menor a dos fluxos comerciais e, menor ainda, dos investimentos produtivos, associando-a, embora não nos pareça evidente a conexão entre as duas ordens de fenômenos, à mais recente revolução tecnológica engendrada pelo capitalismo, a aplicação da microeletrônica à informática. Enfatizam também o desmantelamento do bloco soviético, hesitando porém entre considerá-lo principalmente como causa ou como consequência do efeito combinado daqueles fatores infra-estruturais. Enfatizam menos (não por acaso) a erosão contínua do "capitalismo de bem-

\* Professor de Filosofia do IFCH, Unicamp.

estar" (isto é, social-democraticamente temperado) na Europa ocidental, bem como a degradação geral das condições sociais no conjunto das grandes potências capitalistas.

À esquerda, não faltam os que, embora reconhecendo os aspectos perversos de nosso tempo, consideram que o termo *globalização* caracteriza-os pertinentemente. A questão não é apenas terminológica. Se, em vez do americanês *globalization*, usássemos "mundialização", "cosmopolitização", "integração internacional" ou outras expressões semelhantes para designar as pretensas "mudanças globais", permaneceria inalterada a interrogação fundamental: está ou não predominando em escala planetária a tendência à superação dos poderes e barreiras estatais, das diferenças nacionais, dos blocos regionais e respectivas esferas de influência? O jogo de palavras aqui se impõe: globalmente, não há globalização. O incontestável crescimento global do desemprego, do racismo, dos conflitos bélicos "localizados" (em todos os continentes), do obscurantismo cultural e religioso, e tantas outras misérias físicas e morais diretamente relacionadas com a epifania da "nova ordem" neoliberal, configura uma dinâmica exatamente oposta àquela para a qual aponta a doutrina da "globalização". É evidente, em particular, a relação de causa e efeito entre as duas mutações infra-estruturais em curso (autonomização do capital financeiro com relação aos controles e barreiras estatais, aprofundamento da revolução tecnológica instaurada pelo complexo informática! microeletrônica), a lenta e inexorável expansão do desemprego crônico e o surto virulento de xenofobia e racismo nos países capitalistas mais avançados. Avançando no rumo do cosmopolitismo, a reprodução ampliada do capital (do *global business*, como dizem os neoliberais) engendra o desemprego crônico em larga escala, que por sua vez engendra o oposto dialético do cosmopolitismo cultural, a saber, o ódio étnico e racial.

Tal é a perversa e potencialmente catastrófica contradição de nosso tempo. Caracterizá-lo como tempo da "globalização" implica ocultar sua essência imperialista, isto é, o aprofundamento da dominação do planeta pelos grandes conglomerados capitalistas. A "nova ordem" do capital anuncia não a superação dos velhos antagonismos, mas sua transposição para uma situação internacional caracterizada não mais pelo domínio do confronto entre o bloco soviético e o "Ocidente" e sim pelo domínio das grandes potências capitalistas e pelo isolamento diplomático-militar dos países socialistas, reduzidos, com exceção da imensa China, à condição de "bolsões" em defensiva estratégica. Contrariamente, porém, à fraseologia mistificadora ou, no melhor dos casos, ingenuamente otimista, que aponta para uma "sociedade civil mundial" em gestação, a "nova ordem" imperialista tirou força dos Estados nacionais, enquanto suportes político-burocráticos e instâncias de regulamentação da produção capitalista, não para instaurar um "mundo sem fronteiras" e sim para recentrar suas instân-

cias decisórias em grandes blocos regionais de força desigual. Ela não supera, nem muito menos suprime, os velhos antagonismos. Apenas muda a escala em que eles se articulam.

Mais do que nunca, confirma sua pertinência a insuperavelmente lúcida descoberta teórica de Karl Marx de que o limite histórico do capital é o próprio capital. Sua lógica é produzir valor e é *para e somente para* produzir valor que desenvolve as forças produtivas. O admirável "mundo novo" da informática e da microeletrônica conserva e exacerba as misérias sociais do mundo velho. As sugestões que os ideólogos e outros escribas do aparelho ideológico do capital (entre nós Roberto Campos, Delfim Netto *et caterva*) propõem para enfrentá-las (privatização, terceirização e outras rimas fáceis de globalização) terminam todas, exatamente, por agravar a miséria, a desigualdade e o desespero, na rima das rimas, que os dois citados conhecem bem, serviços que foram da ditadura militar: em repressão.